

LINGUAGEM ORDINÁRIA E LINGUAGEM LITERÁRIA EM WITTGENSTEIN

Aluno: Luiz Coelho

Orientador: Helena Franco Martins

Introdução

A cultura contemporânea se caracteriza, dentre outras coisas, por uma pluralidade de vozes diante de quais quer assuntos com alguma relevância para as ciências humanas. É difícil, porém, delimitar as fronteiras desses discursos ou reconhecer o que há de comum entre os mesmos. Essa tendência evoca uma preocupação válida: a da (in)delimitação dos domínios discursivos. Nos estudos da linguagem, são notáveis as dificuldades em determinar limites entre o que seria uma linguagem ordinária, ou seja, não extraordinária, e uma linguagem artística — no nosso caso, a literatura. O apagamento desses limites entre linguagem ordinária e extraordinária tende a se configurar como uma tendência de atribuir a cada um desses domínios elementos do outro e, ao mesmo tempo, lhes atribuir vocações e/ou destinos semelhantes. Contudo, há um crescente interesse em torno da linguagem literária, de suas responsabilidades e êxitos específicos: “a literatura é a coisa mais interessante do mundo, talvez mais interessante que o mundo” [1] Pois a literatura trabalha historicamente com categorias que só agora são tomadas como constitutivas de qualquer manifestação lingüística. As crises representativas e comunicativas, que ora desacreditam das potencialidades referenciais e ora superestimam a função performativa da linguagem — manifestações polarizadas de relativismo e credulidade — são fenômenos com os quais a literatura historicamente se ocupa. Acredito que a economia desses gestos contemporâneos de distinção e indistinção entre linguagem literária e não literária é ainda pouco compreendida e convida à investigação; e que o pensamento de Wittgenstein, com ênfase maior no segundo momento de sua produção, acena para um refinamento de reflexão potencialmente relevante nesse contexto. A noção cunhada pelo autor de “jogo de linguagem” aparece como um caminho para se deparar e depurar, perspectivando-a com as questões levantadas acima.

Objetivos

Investigar a noção de jogo de linguagem nas passagens relevantes da filosofia do segundo Wittgenstein, com ênfase nas suas “Investigações Filosóficas”; articular essa investigação com uma análise das esparsas reflexões explícitas que Wittgenstein desenvolve acerca da literatura, presentes, sobretudo, em “Cultura & Valor” e em “Aulas sobre Estética”; e desenvolver uma reflexão sobre a aptidão da noção de jogo de linguagem para se compreender a especificidade das manifestações de linguagem que têm sido historicamente reconhecidas como literárias.

Metodologia

A pesquisa se desenvolveu em atividades que compreendiam leituras, discussões de texto, participação em atividades ou eventos acadêmicos, produção, propriamente dita, e publicação. Cabe, porém, especificar como se desdobraram cada uma dessas articulações da pesquisa. A pesquisa se fundamentou em uma dinâmica de leitura e discussão imediata dos textos lidos, seja dos que compunham a bibliografia primária seja daqueles que compunham a secundária. Em um primeiro momento, detive-me na obra de Wittgenstein para, daí, alcançar uma melhor compreensão da noção de “jogo de linguagem”. Para isso, recorri às “Investigações Filosóficas” e ao “Dicionário Wittgenstein”, Glock (1998), além de outros

textos que faziam referência à noção. Algo fundamental para esse período da pesquisa foi a leitura detida de seções importantes das “Investigações Filosóficas”, em seminário dirigido pelo professor Luís Henrique dos Santos (USP), no segundo semestre de 2007. Não me restringindo à investigação da noção de “jogo de linguagem”, dediquei-me a perguntar por elementos úteis para se pensar a literatura na obra de Wittgenstein, como as noções de *representação perspicua*, *formas de vida* e *“click” of coherence*. Para isso utilizei o apoio de minha orientadora e de toda bibliografia de que dispunha, notadamente os ensaios de S. Cavell, para questões referentes a cultura; outros de M. Perloff, R. Eldridge e J. Guetti; além da biografia “Wittgenstein: O dever do gênio”, de R. Monk. Meus principais interlocutores foram: minha orientadora; o grupo de estudos “Ceticismo, Linguagem e Literatura” (reunido sob orientação da Prof^a Dr^a Helena Franco Martins); e participantes de congressos e eventos onde assisti e tomei parte nos debates, além de comunicar e publicar trabalhos, a fim de submeter minha produção à discussão em diferentes fóruns acadêmicos. Em 2007, apresentei dois trabalhos: 1) “A construção da subjetividade na poética de Paulo Henriques Britto: uma perspectiva wittgensteiniana” — apresentado no II Simpósio de Literatura Contemporânea, realizado na UFRJ, e publicado no site do Grêmio Cultural Ana César, composto por alunos que organizaram o evento; e 2) “Aparentemente Insólito: considerações desprezíveis sobre o involuntário em seis jovens poetas”, texto apresentado na Semana de Letras da PUC-Rio, realizado pelo PET-Let. Em 2008, apresentei outro trabalho: “Da realidade da poesia brasileira e seus graus de realismo”, no III Simpósio de Literatura Contemporânea, também na UFRJ. Por fim, apliquei a reflexão desenvolvida a textos literários e ensaísticos que mobilizam de maneira direta ou indireta o meu tema de trabalho, sem deixar de permitir que os mesmos textos fossem matriz de mudança de direção para a pesquisa.

Conclusões

O estudo conduziu a um pensamento que re-caracterizasse termos que, quando utilizados hoje em discursos referentes à literatura, promovem desconforto por possuírem cargas de preconceito, a fim de utilizá-los na reflexão sem os submeter a aporias desnecessárias, frutos de uma apropriação instrumentalizada dos mesmos. Seguir nessa direção seria ceder ao apelo de Wittgenstein de conduzir as palavras “para seu uso ordinário” [2]. Além disso, cheguei às seguintes conclusões: (a) a noção wittgensteiniana de jogo de linguagem permite pensar a literatura de forma a se preservar sua identidade e especificidade, sem a postulação de essências capazes de distingui-la de outras manifestações de linguagem; (b) a especificidade que se pode reconhecer nas manifestações literárias da linguagem não impõe o seu confinamento ao campo institucionalmente reconhecido como “literatura”; pelo contrário, as considerações empreendidas se deram a partir de aproximações e afastamentos diante de outras manifestações de linguagem (semelhança e dessemelhança); (c) a compreensão do fenômeno literário sob o ângulo wittgensteiniano permite uma revisão de conceitos antes já utilizados no estudo da literatura, não tomados como exclusivos do domínio literário-artístico, tais como contexto, forma ou expressividade; e (d) a perspectiva wittgensteiniana abre a possibilidade de um caminho alternativo a percepções teóricas contemporâneas que condenam à impossibilidade qualquer pretensão da literatura ao realismo.

Referências

- 1 - DERRIDA, J. **Acts of literature**, edited by Derek Attridge. New York, London: Routledge, 1992.
- 2 - WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus lógico-filosófico; Investigações filosóficas**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.